

# A PRODUÇÃO DE UM DICIONÁRIO ANTIRRACISTA NA ATUAÇÃO DO PRP<sup>1</sup>

Esdras Bandeira Fernandes <sup>2</sup>  
Clara Barbosa Morais <sup>3</sup>  
Alessandra Magda Miranda <sup>4</sup>  
Tatiana Fernandes Sant'ana <sup>5</sup>

## RESUMO

O presente relato visa refletir sobre algumas das aulas ministradas por residentes - vinculados ao Programa de Residência Pedagógica/Letras- Português/UEPB/Campus I, financiado pela Capes, cota 2022-2024 -, cujas experiências foram realizadas numa turma de 6º ano do ensino fundamental II, em uma Escola de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Campina Grande/PB. Optamos por restringir a discussão em torno de uma sequência didática, que teve como tema transversal o racismo, atrelado ao conteúdo linguístico de Língua Portuguesa, exercendo, assim, a interdisciplinaridade. Para tanto, discutimos em sala o uso de palavras de origem racista, como elas surgiram e como podemos substituí-las por outras. Nesse processo, os alunos produziram um dicionário antirracista, que foi exposto na Mostra Pedagógica da escola, que contou com a participação da comunidade e da diretora da 3a. Região de Ensino. Para isso, partimos dos preceitos teóricos de Mendonça (2006), Bezerra e Reinaldo (2020) e Ferreira (2012), que auxiliaram, tanto no andamento das aulas, como no auxílio da elaboração do dicionário.

**Palavras-chave:** Programa de Residência Pedagógica, Ensino de Língua Portuguesa, Interdisciplinaridade, Dicionário antirracista.

## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa ainda possui como herança algumas palavras de origem racista, difundidas através dos ideais do colonizador, como por exemplo “denegrir”, que, de acordo com o dicionário online Priberam<sup>6</sup>, significa tornar negro, no sentido de enegrecer ou macular a imagem de alguém. Dentro do imaginário colonial, o negro sempre é remetido a algo ruim e é preciso mudar esse cenário, sobretudo, incentivar uma educação antirracista que seja implementada em sala de aula, na educação básica, para que possamos refletir historicamente acerca desse vocabulário. Foi o que fizemos na sequência didática desenvolvida no quarto bimestre durante nossa atuação, como bolsistas do Programa de Residência Pedagógica

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), por meio do Programa de Residência Pedagógica, da Universidade Estadual da Paraíba, cota 2022/2024, Edital nº24/2022.

<sup>2</sup> Graduando pelo curso de Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba, [esdras.fernandes@aluno.uepb.edu.br](mailto:esdras.fernandes@aluno.uepb.edu.br);

<sup>3</sup> Graduanda pelo curso de Letras Português, UEPB, [clara.morais@aluno.uepb.edu.br](mailto:clara.morais@aluno.uepb.edu.br);

<sup>4</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, [alessandra\\_mirandaufpb@gmail.com](mailto:alessandra_mirandaufpb@gmail.com);

<sup>5</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, [tatianasanta@servidor.uepb.edu.br](mailto:tatianasanta@servidor.uepb.edu.br).

<sup>6</sup> Disponível em: [https://dicionario.priberam.org/denegrir#google\\_vignette](https://dicionario.priberam.org/denegrir#google_vignette)



(PRP), em uma escola pública da rede estadual de ensino da Paraíba, contemplando um dos conteúdos presentes no planejamento escolar.

Planificamos as aulas no intuito de refletir sobre a história e a origem do nosso povo, através de palavras de origem racista, já que grande maioria delas parte do passado escravocrata, e que, com o passar dos anos, houve uma mudança de cenário, pois as mesmas palavras continuaram a ser usadas, só que com um significado diferente. Assim, acreditamos que compreender a origem e a historicidade de algumas delas, com os alunos, seria um passo importante para tornar a sociedade menos racista, ao menos naquele contexto de ensino. Para tanto, através do e-book “Dicionário de expressões (anti)racistas: e como eliminar as microagressões do cotidiano, da Defensoria Pública do estado da Bahia<sup>7</sup> (Bahia, 2021), buscamos termos racistas, epistemológicos e outros que devemos usar para substituí-los, para serem usados em sala de aula.

Dentro dessa perspectiva, propusemos também mostrar a forma como essas palavras foram construídas ao longo do período de escravidão, com o objetivo de que os alunos também tivessem o contato com um pouco da história da língua portuguesa. Assim, ao longo dessa sequência didática (SD), que será descrita ao longo desse relatório, ressaltamos a relevância de compreender o porquê de algumas palavras caírem em desuso. A seguir, vamos detalhar um pouco como se deu a organização dessa SD. Para nosso embasamento teórico iremos usar Ferreira (2012) e Bersani (2017).

## METODOLOGIA

Ao longo do PRP, atuamos em uma turma de 6º ano do ensino fundamental II, com cerca de 34 alunos, cujas aulas foram ministradas às terças-feiras, no primeiro horário da tarde. A SD aqui relatada ocorreu entre os meses de setembro a novembro de 2023, num total de 8 encontros, teve como enfoque a temática em torno da cultura negra, explorou conteúdos linguísticos, como acentuação, separação de sílabas e classificação das palavras quanto ao número de sílabas, culminando na produção de um verbete de dicionário, relacionado ao tema.

É importante compreender que o racismo é algo estrutural em nossa sociedade, nesse sentido, está imbricada na educação, já que, se observarmos, há poucos autores e teóricos negros, os quais são estudados na academia, por exemplo. Assim, ao se ter a oportunidade de levar essa discussão para as aulas na educação básica, convém buscar estratégias para que

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize\\_231121-125536.pdf](https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_231121-125536.pdf)

essa conjuntura possa ser modificada, trazendo autores negros, principalmente para as aulas de língua portuguesa, realizando um trabalho de linguagem interdisciplinar.

Assim, ao se ter a oportunidade de levar essa discussão para as aulas na educação básica, convém buscar estratégias para que essa conjuntura possa ser modificada, trazendo autores negros, principalmente para as aulas de língua portuguesa, realizando um trabalho de linguagem interdisciplinar. Não refletindo apenas sobre o racismo em si, mas também acerca da cultura negra, exaltamos as raízes e compreendemos as histórias desse povo, abordando, não só a dor dos escravizados, mas também a beleza que a cultura negro-brasileira carrega, e que isso não se restrinja apenas ao período do mês de novembro, em que se comemora o dia da Consciência Negra.

[...] como a história também demonstra que os africanos escravizados e seus descendentes não tiveram qualquer espaço no seio social além da opressão durante o escravismo e da exclusão social após terem sido descartados por esse sistema [...] (Bersani, 2017, p.7).

Perante esse cenário construído, vamos à descrição das aulas trabalhadas ao longo dessa SD. Para a primeira aula, trouxemos o poema “Me Gritaram Negra”, de Victória Santa Cruz, em uma versão traduzida do original, que é em espanhol. Discutimos o poema com a turma e exploramos o que há por trás da história, narrada através do poema; em seguida, passamos para as questões sobre o gênero textual que foi trabalhado ao longo do bimestre, o verbete de dicionário. Apresentamos, através de slides, os significados que a palavra “negra” trazia, abrindo espaço para que pudéssemos mostrar o significado de outras dentro desse mesmo eixo temático, como racismo, capoeira, tranças etc. Nessa aula, em especial, houve muita interação, percebemos que eles gostaram de ler o que apresentamos em slides e, por meio dessa leitura, era possível fazer algumas perguntas que nortearam a discussão.

As aulas seguintes partiram sempre de um texto acerca do assunto, análise linguística, como apontam as autoras Bezerra e Reinaldo (2020). Dentre os textos, havia: “Sobre todas as vezes que fui pintada”, de Rayline Ribeiro, “Pesadão”, da cantora Iza, “O cabelo de Cora”, de Ana Zarco e “Consciência Negra”<sup>8</sup>, de autoria desconhecida. Esses textos foram escolhidos pensando em como os alunos iriam discutir a temática, a partir de algo mais próximo de sua realidade, como por exemplo, a música *Pesadão*. Outro exemplo foi *O cabelo de Cora*, que aborda a história de uma menina que sofre racismo na escola por causa de seu



<sup>8</sup>Disponível em:

<https://blogueirasnegras.org/sou-a-alma-que-ontem-nasceu/#:~:text=Sou%20filha%20da%20%C3%81frica%2C,ao%20maculel%C3%AA%20e%20do%20ax%C3%A9%20.>

cabelo, algo que os alunos, muitas vezes, passam em sala de aula, evitando, assim, futuras atitudes racistas.

Esses debates foram necessários para que pudéssemos começar a construir uma educação antirracista nos discentes, dando-lhes espaço para relatarem suas vivências, quanto pessoas negras. Nos poemas lidos e nos debates gerados, eles se enxergaram nas situações em que os poemas denunciavam, abrindo espaço para até compreenderem o local que ocupam na sociedade e entenderem os percalços que enfrentarão ao longo da vida, devido ao racismo. Nesse sentido, conforme aponta Mendonça (2006), é necessário recorrer a vários percursos teóricos-metodológicos para que o ensino-aprendizagem flua bem, além dos textos os quais selecionamos pensando na realidade dos aprendizes.

Finalizada essa etapa de discussão do tema e das aulas de análise linguística, passamos para a produção, confeccionando um jogo da memória sobre alguns dos assuntos trabalhados em sala de aula (quantidade de sílabas, classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica, separação silábica), sempre a partir de termos racistas. Esse jogo, além de ter sido uma tentativa de ajudar a exercitar o conteúdo linguístico, auxiliou na disseminação dos termos afros.

Um aspecto bastante desmotivador para quem está no início da carreira e que nos entristeceu foi a resistência de grupo de alunos que se negou a participar, mesmo com todo o dinamismo das aulas e o caráter inovador ali apresentado. Apesar disso, conseguimos aplicar o jogo de maneira efetiva, colocamos alguns dos cartões com nomes de figuras negras da atualidade, assim como desenhos que enaltecem a cultura afro-brasileira.

Figura 01 - Jogo da memória produzido para revisar os conteúdos abordados na SD



Tal jogo além de ter sido utilizado em sala de aula, durante a nossa vivência, ficou disponível, durante a mostra pedagógica da escola, para os visitantes jogarem ao passarem pelo nosso *stand*. Através desse jogo da memória, eles explicaram o que foi aprendido ao longo das aulas, quanto à questão de análise linguística, como as palavras se separam e como são classificadas quanto ao número de sílabas.

Além do jogo, durante a mostra pedagógica, apresentamos à comunidade escolar o Dicionário Antirracista produto da referida SD. Nele os alunos explanaram sobre a questão da historicidade das palavras racistas, através do cartaz, como pode ser visto:

Figura 02: Dicionário antirracista



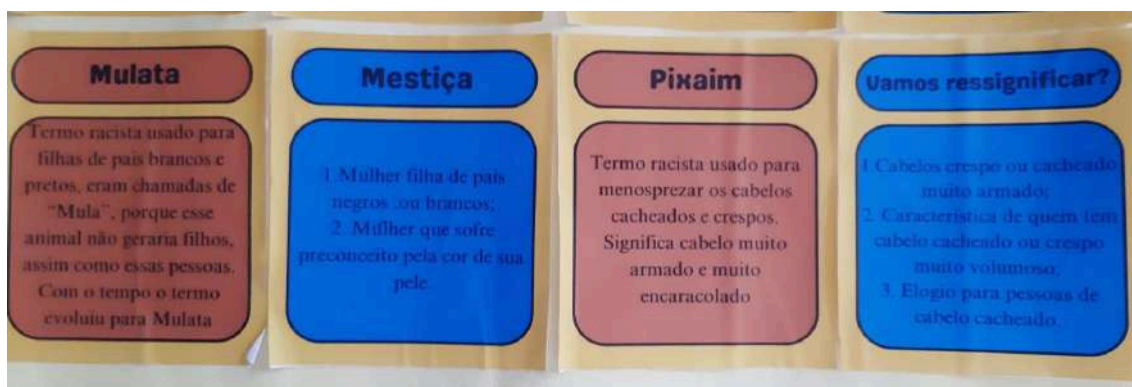
Para chegar nesse produto, além de retextualizar alguns dos termos apresentados no e-book “Dicionário de expressões (anti)racistas: e como eliminar as microagressões do cotidiano, da Defensoria Pública do estado da Bahia<sup>9</sup> (Bahia, 2021), realizamos a produção coletiva de dois verbetes antirracistas. Para tanto, propusemos a palavra “mulato” como termo racista e perguntamos como os alunos construíram um significado antirracista para ela. Coletivamente, eles chegaram à conclusão que o termo poderia ser substituído por “mestiço”, já que se trata de uma pessoa de pais brancos e negros. Por meio dessa ressignificação, buscamos mostrar aos alunos que a pauta de negritude não é somente sobre o racismo e suas dores, mas também de que forma podemos exaltar sua cultura.

A outra palavra proposta foi o termo “pixaim”, contudo, ao invés de buscar um termo para substituí-la, mostramos que às vezes podemos ressignificá-la, tornando-a um elogio e não um xingamento, podendo ser vista como “cabelo muito encaracolado ou crespo”, característica de pessoas negras com cabelo enrolado, como pode ser visto abaixo:

Figura 03: Resultado da escrita coletiva dos alunos, presente no cartaz do dicionário antirracista



<sup>9</sup> Disponível em: [https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize\\_231121-125536.pdf](https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_231121-125536.pdf)



De modo geral, essa foi uma experiência bem enriquecedora, não só para nós, residentes, que pudemos acessar algumas dimensões do trabalho docente a partir da vivência no PRP, como também para os alunos que tiveram essa oportunidade de aprimorar os conhecimentos acerca da cultura negro-brasileira e da língua portuguesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, podemos dizer que o trabalho realizado na turma do 6º ano nos proporcionou uma oportunidade de não só ministrar aulas, adentrando na prática profissional, mas de criar um espaço para que os alunos pudessem ser incentivados a falar sobre suas vivências, enquanto pessoas negras, por mais que muitas vezes eles ainda não se compreendessem como pessoas de raça. Acreditamos que falar sobre o racismo fez com que eles pudessem relatar casos, pesquisar e descobrir novos termos e origens de tantas expressões.

Por meio dessas estratégias, conseguimos trazer uma reflexão acerca do racismo estrutural para sala de aula, perpassando desde a questão gramatical, observando um pouco a história do Brasil, com enfoque na diacronia da língua portuguesa. Portanto, através da reflexão apresentada neste relato, observamos a necessidade de a importância de uma educação antirracista, que aborde as pautas de negritude e que não se abstenha apenas ao mês da consciência negra, mas que também seja inserido ao longo do semestre escolar.

Do ponto de vista do Programa de Residência Pedagógica, ele nos deu a oportunidade de compreender melhor a realidade de sala de aula e quanto os alunos carecem de autores que falem sobre a sua própria realidade. Observando que ao se ter contato com o corpo discente, é possível perceber que acompanhar uma turma nos faz entender melhores formas e estratégias de ensino-aprendizagem específicas de cada realidade.

## REFERÊNCIAS

BAHIA. Defensoria Pública do Estado. **Dicionário de expressões (anti) racistas: e como eliminar as microagressões do cotidiano.** / Defensoria Pública do Estado da Bahia. - 1ª ed. - Salvador: ESDEP, 2021.

BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística: afinal a que se refere?** 2 ed. Recife: Pipa Comunicação, 2020.

BERSANI, H. Racismo estrutural e o direito à educação. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 8, n. 3, p. 380–397, 2017. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv. v8i3.892. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6975>. Acesso em: 13 mar. 2024.

FERREIRA, A. de J. Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores. Antiracist education and classroom practices: a matter of teachers training. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 21, n. 46, p. 275–288, 2012. ISSN 2238-2097. DOI: 10.29286/rep. v21i46.408. Disponível em: [v21n46a05.pdf \(fcc.org.br\)](#). Acesso em: 13 mar. 2024.

MENDONÇA, M. R. S. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: CLECIO BUNZEN. (Org.). **Português no ensino médio e formação do professor.** 1 ed. São Paulo: Parábola, 2006, p. 199-226.